Para Eduardo Luis Garcia, que me esperou e suportou minha ausência e solidão por um dia – tempo de escrita deste ensaio – para que eu ficasse a sós comigo mesmo: meus pensamentos.

Editora CDA

Número de páginas: 35

Edição: 1 (2015)

Formato: A5 148x210

Coloração: Preto e branco

Acabamento: Brochura c/ orelha

Tipo de papel: Offset 75g

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução parcial ou integral sem a prévia autorização do autor.

Claudio Donato

Nada e Tempo: Ser e Não-Ser



Claudio Donato é filósofo, formado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), estudioso de metafísica, ontologia e fenomenologia.

Sobre e sob o fio da tradição filosófica fenomenológica: *Claudio Donato* foi aluno de *Luiz Hebeche*, que foi aluno de *Ernildo Stein*, que foi aluno de *Martin Heidegger*.

Nada e Tempo: Ser e Não-Ser

INTRODUÇÃO

Este ensaio trata da metafísica em sentido não-tradicional, seguindo a linha do pensamento filosófico fenomenológico de Martin Heidegger e recorrendo à metafísica-teológica de Spinoza.

"Deus sive natura", pensava Spinoza; isto significa literalmente "Deus ou natureza": sinônimos. No entanto esta sinonímia é desigual, porque, teológica e metafisicamente, Deus é natureza, mas natureza não é Deus. Como criador de si mesmo (natureza), Deus precede a natureza que ele mesmo é.

De modo similar, mas não idêntico, ser é tempo, mas o tempo não é o ser. Ser é tempo e nada mais é ser.

O ser se singulariza no tempo e o tempo se singulariza no ser: na forma de um existente-temporal: o ser-aí. Somente nesta singularização ocorre a singularidade do tempo da autenticidade e da originariedade: existencialidade. Na dupla via da

existencialidade do ser e do tempo, ser e tempo se co-originam de modo inextricável, inexorável, incontornável e necessário, de modo que somente há ser se há tempo e também o contrário. Isto significa que, de modo semelhante ao pensamento de Spinoza (*Deus sive natura*): ser é tempo.

Filosoficamente, metafisicamente e anti-teologicamente: o ser-aí (*Dasein*=existente) existe ao ser mundo e é mundo somente se e quando existe. O ser-aí é um mundo que origina mundo: autonomia e autocriação.

Ser e tempo se realizam somente em nós humanos, na instância do nosso pensamento próprio (original e originário) que aqui chamo de singularidade. Esta singularidade é o ser-aí. O ser-aí é esta singularidade. Como singularidade nós podemos singularizar outras coisas (entes, objetos).

Nossa singularidade ou solidão existencial significa primeiramente e primariamente que somos e estamos sozinhos com nós mesmos e em segundo lugar e secundariamente estamos com os outros: as outras singularidades. Ontologicamente ou existencialmente *somos* de modo próprio e originário somente com nós mesmos; onticamente ou subsidiariamente *estamos* com os outros. Este "estamos" não é propriamente um *somos*, é sim

uma compartilhação de mundos: coexistência ôntica e não ontológica-existencial. Em outras palavras: eu só existo de modo singular, solitário.

Uma existência autêntica e solitária exige de início uma sigética (um silêncio) do próprio pensamento. Um pensamento que pensa consigo mesmo e junto a si, num solipsismo (só consigo mesmo) tal que somente aí e a partir deste silêncio solitário é que se pode pensar e escrever e ouvir e falar.

Eu sou mundo e crio meu mundo. Em criando meu mundo eu já sou mundo. Em sendo mundo (abertura existencial) é já desde sempre me criei como mundo e para sempre serei mundo.

Nada e Tempo: Ser e Não-Ser

Antes de sermos algo, somos nada. Nada somos. *Ser é tempo* significa exatamente o contrário e inversamente: o tempo *é* na medida em que somos nada. O tempo não existe. Nós existimos. O tempo "existe" somente na medida em nós mesmos existimos. Damos existência ao tempo e às coisas que se movem no espaço e no tempo. O tempo não existe. O tempo não tem experiência de si mesmo. O tempo não somente é uma convenção humana, mas é, principalmente, uma invenção típica dos domínios humanos. Kant estava certo: *espaço* e *tempo* são categorias do entendimento humano, espaço e tempo não têm realidade objetiva e concreta no sentido de serem entidades metafísicas prováveis. A fenomenologia nos ensina que: não somente não sabemos se existe algo assim como uma essência metafísica das coisas (identidades), como também, caso elas existam de algum modo metafísico ou teológico, não teríamos jamais acesso a elas. O mesmo vale para a noção de

Deus: ele é improvável: não podemos nem experiênciá-lo, caso ele exista, nem provar sua existência. Assim, tanto faz que exista ou não exista um Deus. É o mistério e a tragédia da crença, do mesmo modo que é trágico sermos mortais. Trágico também seria se fôssemos imortais.

O ser é nada. O ente é tempo. Nada vem do nada? Tudo vem do nada. O ente é tempo e somente no tempo: em si mesmo. O ser existe e não é. O ser é nada. O tempo não existe e é; não existe porque não sabe de si. O ser não é significa: o ser é o não-ser. O ser não é algo: o ente é algo. "Ser é nada" é uma expressão autocontraditória, porque se ele "é" nada ele nada é. Mas ele somente é na medida em que ele é concebido como uma ideia. Numa consciência de que tudo é, tudo é ente, neste sendo, neste *é* reside a realidade existencial do ser. Na consciência de que tudo é reside a primordial origem de tudo que é. Uma origem concebida somente no âmbito e horizonte do pensamento, como pura negatividade. O negativo sustenta